



“NÃO É ESSA A LÍNGUA PORTUGUESA, QUE EU CONHEÇO; NÃO É A LÍNGUA QUE FALO, NEM A QUE OUÇO FALAR” : DE SOUSA DA SILVEIRA PARA MÁRIO DE ANDRADE, DISCURSOS SOBRE A LÍNGUA NO BRASIL.

Lívia Letícia Belmiro Buscácio¹

Mário de Andrade e Sousa da Silveira, nomes de autor que agasalham variados lugares discursivos: do gramático, do professor de língua e de literatura, do filólogo, do literato, do intelectual e ainda, do escritor de cartas. Do lugar do correspondente, não só dizem, mas podem dizer sobre a língua e a literatura no Brasil. Que efeitos de sentido são produzidos por um nome de autor como Sousa da Silveira no negar categoricamente uma língua, língua esta que cunha a escrita literária e forma um autor como Mário de Andrade? E que posições-sujeito se inscrevem nesta negação? Por outro lado, é preciso pensar no gesto de Mário de Andrade que, ao enviar manuscritos literários para gramáticos, filólogos e literatos, estabelece uma correspondência de onde circulam saberes sobre a língua e a literatura, correspondência esta que compõe o maior arquivo epistolar da língua portuguesa (CANDIDO, 2011 [1946]). Que discursividades sobre a língua e a escrita literária no Brasil se inscrevem em Mário de Andrade, pela tensão entre o funcionamento da autoria e o da correspondência compreendida como materialidade discursiva?

Falamos, somos falados, a partir de algum lugar. O lugar teórico onde se insere a presente análise, na qual venho trabalhando durante o doutorado, é o encontro da Análise de discurso (PÊCHEUX, ORLANDI) com a História das Ideias Linguísticas (AUROUX). E é por este campo de saber que se torna possível pensar nas discursividades sobre a língua e a literatura, de modo a averiguar as posições-sujeito que nelas se inscrevem, nas ideias e saberes linguísticos (AUROUX, 1992) que nelas circulam, e como concorrem para a formação de imaginários do nacional pela língua e pela literatura (e, por sua vez, da língua nacional). Deste lugar teórico, é possível averiguar a correspondência discursivamente e os efeitos de sentidos produzidos pela função-autor nesta materialidade. É um caminho também para analisar o autor de literatura em seu funcionamento discursivo movido pelas relações entre o dizer sobre a literatura, o dizer sobre a língua e o processo de escrita, para depreender como essas relações produzem efeitos de sentido que cunham a memória de uma língua (PAYER, 2006).

Com o propósito de situar melhor as questões lançadas anteriormente, apresentarei uma síntese de alguns caminhos que têm seguido minha a pesquisa e prosseguirei com a análise de

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFF, professora do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

sequências discursivas das cartas entre Mário de Andrade e Sousa da Silveira.

O sabor de uma pesquisa

Nas correspondências entre Mário de Andrade e autores que ocupam diversos lugares discursivos (GRIGOLLETO, 2008) de onde se diz (e se pode dizer) sobre a língua, encontram-se materializadas discursividades sobre a língua no Brasil, relacionadas ao dizer sobre a escrita literária. Na tese “Mário de Andrade, um arquivo de saberes sobre a língua no Brasil”², baseada no encontro da História das Ideias Linguísticas (AUROUX) com a Análise de discurso (PÊCHEUX, ORLANDI), analiso as discursividades sobre a língua e sobre a literatura no Brasil inscritas em Mário de Andrade, um arquivo discursivo (PÊCHEUX, 2011; MARIANI, 2010; ROMÃO, 2011) enlaçado ao funcionamento da autoria (FOUCAULT, 1992; ORLANDI, 2007). Um dos procedimentos metodológicos da Análise de discurso é o estabelecimento do recorte do arquivo (ORLANDI, 1984), sobretudo se for considerada a relação do arquivo com o gigantismo discursivo reunido em um nome de autor como Mário de Andrade. Foram estabelecidos dois critérios para o recorte: a relação entre o discurso sobre (ORLANDI, 1990; PETRI, 2004) a língua e o discurso sobre a escrita literária, materializada nas correspondências de Andrade. Mas as correspondências de Mário de Andrade constituem um monumento à parte, totalizando, segundo o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 7719 documentos³, abrigados na *Série Correspondências do Arquivo Mário de Andrade*, sob tutela do instituto. Além disso, parte das cartas enviadas pelo autor compõe outros fundos pessoais ou já foram publicadas, como as enviadas para Sousa da Silveira (FERNANDES, 1968). A seleção dos correspondentes leva ao segundo critério do recorte: além do lugar de correspondente de Mário de Andrade, foram escolhidos nomes de autores cujo funcionamento promove a veiculação de saberes linguísticos, ao ocuparem os lugares discursivos do filólogo, do gramático, do professor e do literato, dentre outros, a saber, Sousa da Silveira, Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Pio Lourenço Corrêa (o Tio Pio, eleito em carta pelo próprio Mário revisor dos seus escritos).

Mário de Andrade enviava seus manuscritos literários para a leitura (porque não dizer, o parecer) destes autores, os quais pelo ponto de vista discursivo são compreendidos como nomes de autor que fazem circular ideias e saberes linguísticos (AUROUX, 1992), ocupando diferentes lugares discursivos ao mesmo tempo. Estes nomes de autor também reúnem todo um monumento discursivo (FOUCAULT, 1992) em particular, porém, percebo, com as análises, uma movência no funcionamento da autoria: ainda que a função-autor promova um efeito de unidade discursiva (FOUCAULT, 1992; ORLANDI, 2007), pela inscrição de um autor na materialidade da correspondência, o arquivo abriga posições-sujeito em tensão no discurso sobre a língua vinculado ao discurso sobre a escrita literária.

É preciso pensar no funcionamento discursivo da correspondência⁴. Segundo Souza (1997),

²A tese é orientada pela professora doutora Vanise Gomes de Medeiros e pelo professor José Luis Jobim, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da UFF, subsidiada pela bolsa CAPES.

³http://www.ieb.usp.br/catalogo_eletronico/

⁴Venho trabalhando sobre o funcionamento discursivo da correspondência na tese. As presentes reflexões sobre a discursividade da correspondência são um desdobramento de comunicações apresentadas no I ELFE – UFAL (2012, Anais no prelo) e no V SAPPIL – UFF (2012).

na carta pessoal reside um dizer de si, que transita entre uma esfera privada e pública, através do processo de autorreferência do sujeito (AUTHIER-REVUZ,1998). Em Mário de Andrade, a tensão entre o público e o privado produz sentidos sobre o arquivo e a autoria: para Antonio Candido (1946), as missivas de Mário formam “o maior monumento do gênero, em língua portuguesa” (CANDIDO, 1946 [2011]). Pela prática discursiva da “religião da correspondência”(idem), o autor produziu um Epistolário – gesto de organização de suas correspondências - onde catalogou as cartas de artistas e críticos acerca de sua obra, em um projeto de publicação que reforça o caráter monumental da autoria⁵. Por outro lado, Mário autorizou a publicação das cartas apenas após cinquenta anos de seu falecimento. Na tensão desta fronteira, o sujeito-autor abriga posições distintas em relação à correspondência.

De outro modo de pensar o discurso, professa Foucault sobre correspondência(1992): “a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe”. (FOUCAULT, 1992: 145). Pensando pela Análise de discurso, a correspondência funciona pela fluidez entre os lugares discursivos do destinatário e do remetente, de modo a construir uma relação onde escrever-se é estar inscrito no outro. A materialidade da correspondência filiada a nomes de autor ressoa ainda na desnaturalização das evidências de sentidos sobre um autor, já que põe à luz a autoria como um efeito de unidade do discurso, e que no autor residem posições-sujeito, em retesamento próprio do discurso. Assim, a escrita de cartas é um processo discursivo onde, em Mário de Andrade, habitam posições sobre a língua e a escrita literária no Brasil.

Consoante Colombat, Puech e Fournier (2010), a escrita é um aparato técnico que traz representações sobre a língua, não se restringindo apenas a uma apreensão da fala ou a uma tentativa de descrição da língua: é uma forma de circulação de saberes metalinguísticos. Com a tese, pretendo mostrar que o dizer sobre a escrita literária em relação com a língua, por estar vinculado ao funcionamento do nome de autor, promove a veiculação de saberes metalinguísticos, que atravessam a memória discursiva. O dizer sobre a escrita literária no autor se trata, portanto, de um saber metalinguístico, devido a uma dupla movência: nele se inscreve uma rede de dizeres sobre a língua, ao mesmo tempo em que é produzida uma imagem de uma escrita com a especificidade de pensar a escrita e a linguagem, o que promoveria a circulação de outros sentidos, do que está silenciado. Mas este é um efeito de sentido sobre o literário. E esse dizer pode estar ou não filiado a uma formação discursiva dominante, que incide na relação do sujeito brasileiro com a língua e se insere em Mário de Andrade.

Conforme afirma Orlandi (2002), uma formação discursiva positivista instaura a compreensão da língua como um objeto de ciência a partir do século XIX e atravessa a formação da sociedade brasileira na virada do século XIX para o XX, com a República, o que vai afetar a relação dos sujeitos com a língua. Em Mário de Andrade, há uma discursivização do nacional materializada em um projeto de escritura literária e de pesquisa sobre o que seria o Brasil, e, por sua vez, o brasileiro e a

⁵ Tenho pesquisado como se dá essa tensão entre o público e o privado nas correspondências de Mário de Andrade.

língua: a projeção de um futuro na memória⁶ (ORLANDI, 1993; MARIANI, 1998) para o Brasil marca a herança e a construção de um vir a ser, sujeito e nação, (JOBIM, 2010) pela língua e nação.

Além disso, Chiss e Puech (1999) professam que há uma herança do positivismo na constituição da neogramática, que atravessa a formação da linguística como disciplina científica. E vale lembrar que, nas correspondências, se presentifica uma referência aos neogramáticos e aos filólogos dos estudos histórico-comparativos -Vendryers, Meillet e Brunot, dentre outros - como objeto de estudo, o que pode incidir na circulação de saberes metalinguísticos vinculados ao funcionamento da autoria, a esses nomes de autor.

Com as análises, tenho averiguado que posições se inscrevem em Andrade e em seus correspondentes, de modo a depreender se os dizeres inscritos no autor sobre a língua filiam-se a uma formação discursiva dominante, positivista.

De meu lugar como professora de língua portuguesa e literatura do CAP-INES, a partir da tese, pretendo também colaborar para a presença de um olhar que possibilite a questão da historicidade e da memória da língua no ensino de língua e de literatura. Através da leitura das correspondências, saberes sobre a língua em relação com a literatura poderão circular em sala de aula a partir de sua inscrição em uma historicidade, o que leva ao estabelecimento de um laço entre o aprendizado da língua e da literatura e o que o próprio educando tem a dizer sobre a língua. Desse modo, o educando pode migrar do lugar de quem não sabe a língua, colocado aí pela perspectiva de um sistema de regras inacessíveis ou modalidades de bom uso (ambas filiadas à formação discursiva positivista), para um lugar de quem se relaciona com a língua, de quem pode dizer dela e sobre ela.

Mário e Sousa, confissões sobre a escrita literária e a língua no Brasil.

Sousa da Silveira e Mário de Andrade são nomes que reúnem toda uma discursividade, devido ao efeito de unidade da autoria. Além disso, ocuparam diversos lugares sociais, que reforçam a monumentalidade desses autores. É preciso considerar que o lugar social também é uma prática discursiva que remonta a uma dada formação social e, ao projetar imaginários, produz lugares discursivos (GRIGOLLETO, 2008). É possível trazer apenas parte dos lugares nestes autores. Sousa da Silveira: o gramático do *Lições de português* (1921 -1923), embora engenheiro geógrafo e civil de formação, como era recorrente, professor catedrático da UDF, onde lecionava filologia com a análise de Gil Vicente e Camões (SILVA, 1984)⁷, filólogo e editor dos *Textos quinhentistas* (1945), articulista de revistas como a Revista Brasileira de Filologia, a Revista de Cultura, dentre outras, membro fundador da Academia Brasileira de Filologia... Mário de Andrade, escritor de inúmeras obras literárias, ensaios sobre cultura, autor da primeira enciclopédia de música no Brasil, professor de música, literatura, filosofia, história da arte, etc., articulista e cronista em revistas como a *América*

⁶ Segundo Orlandi (1993: 14), a relação do discurso fundador com a filiação "cria tradição de sentidos projetando-se para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga no entanto na memória permanente (sem limite). Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim".

⁷ Segundo Silva (1984:56), Manuel Bandeira e Mário de Andrade assistiram às aulas de Sousa da Silveira em 1935 na UDF. Nesse ano, Mário de Andrade exercia a função de chefe do Departamento de Cultura de São Paulo, além de trabalhar no planejamento da direção do Ministério da Educação e da Saúde a convite de Gustavo Capanema e lecionar na cadeira de Filosofia e História da Arte e ser diretor do Instituto de Artes da UDF.

Brasileira, o primeiro a realizar uma coleta em áudio dos falares no Brasil, juntamente com Antenor Nascentes, chefe do Departamento de Cultura de São Paulo, escritor de cartas ...Sousa da Silveira e Mário de Andrade, correspondentes.

Quatro cartas foram encontradas: duas cartas não-publicadas, nas quais Sousa da Silveira ocupa o lugar do remetente, resguardadas pelo Arquivo do IEB, que datam de 26 de dezembro de 1934 e 16 de março de 1935 e duas missivas onde Mário de Andrade ocupa o remetente e envia suas publicações e manuscritos até então, datadas de 15 de fevereiro de 1935 e 26 de abril de 1935, publicadas em Fernandes (1968). Há também dois telegramas de Sousa da Silveira, dizendo apenas que irá escrever ao correspondente. Algo atravessa e constitui o corpo da correspondência: o dizer sobre a língua e a escrita de literatura no Brasil. Trarei sequências discursivas das cartas de 26 de dezembro de 1934 e de 15 de fevereiro de 1935.

Em carta de 26 de dezembro de 1934⁸, lê-se em Sousa da Silveira, do lugar do remetente, uma avaliação dos “Contos de Belazarte”, de Mário de Andrade, a pedido do próprio autor. No correspondente de Mário, há três modos de dizer sobre os contos.

“Não há nada neles só narrativa, há observação fina, há psicologia. Li-os todos com agrado.”

“Em “Caim, Caim e o resto” admirei sobretudo a movimentação dramática, que vai culminar naquele lance de tragédia brutal, naquela scena horrível.” (grifo de Sousa da Silveira)

“E ia-me esquecendo de lhe dizer que também me agradou sobretudo ora a delicadeza, ora a originalidade, ora ambas as coisas, em certos pormenores descritivos, ou em certos meios de expressão.”

Nas sequências discursivas acima, reside uma posição que enaltece aspectos da estrutura narrativa dos contos, ao destacar a presença de elementos como “movimentação dramática”, “psicologia”, “o próprio objecto do conto”, “pormenores descritivos”. Esta posição está identificada a saberes advindos do Formalismo Russo, escola literária cunhada pelo Estruturalismo, discursividade que assinala a virada do século XIX para o XX e, por sua vez, de herança positivista (CHISS & PUECH, 1999). Nesta posição, encontra-se veiculada uma ideia de literatura como “objeto” de análise do teórico que, pelo método científico, estaria apto a dizer sobre 'a especificidade do literário': uma posição-sujeito teórico da literatura (ou cientista da literatura) depreenderia então elementos da narrativa, constituída a partir de um modelo de estruturação dos personagens, tempo, espaço, narrador, ou aspectos das formais da poesia, para se chegar à “literariedade”. Ou seja, nesta posição, é preciso se valer do método formalista, da ciência da literatura, o que leva a circulação de um saber legitimado sobre a literatura, um discurso 'sobre' (ORLANDI, 1990) a literatura, alçando determinada posição-sujeito, encobrendo outras posições.⁹ Residem também em Sousa da Silveira duas outras posições, que habitam o autor em tensão com a primeira, onde se lê:

uma coisa que me perturbou bastante o gozar plenamente da incontestável beleza dêle, e que, parece-me, **prejudicará não pouco a gíria literária do eminente autor. Refiro-me à linguagem. Não é essa a língua portuguesa, que eu conheço; não é a língua que falo, nem a que ouço falar.** (SOUSA DA SILVEIRA, 26 de dezembro de 1934 – meu grifo)

⁸ As cartas de Sousa da Silveira para Mário de Andrade podem ser encontradas no Arquivo Mário de Andrade, administrado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP desde 1968, instituição que também é responsável pela biblioteca pessoal do autor e é a principal promotora de pesquisas sobre Mário de Andrade. As missivas onde Mário de Andrade ocupa o lugar de remetente e Sousa da Silveira o de destinatário foram publicadas em FERNANDES, 1968.

⁹ Sobre o Formalismo russo: TODOROV, T. *Teoria da literatura I. Textos dos Formalistas Russos*. Lisboa: Ed. 70, 1999.

No dizer sobre a literatura do lugar do gramático, a “linguagem” perturba o “gozo” da estrutura do conto e da “literariedade”, não se insere em uma certa língua que pode ser estilizada pelo literato e comparecer como “gíria literária” no dizer do filólogo e do gramático sobre a língua e a literatura. Passam a falar agora em Sousa da Silveira duas posições que podem e devem dizer da língua nas condições de produção em que está inserida a correspondência: a posição-filólogo e a posição-gramático. O nome Sousa da Silveira, uma autoria associada ao lugar discursivo (GRIGOLLETO, 2008) do gramático, funciona na difusão do saber legítimo sobre a língua, no qual se inscreve uma posição-gramático, a língua que o gramático “conhece”; por outro lado, encampa uma posição-filólogo, de onde é promovido um saber da língua pelo estudo da fala, filiado a um imaginário do dialeto como objeto de ciência. Assim como na posição do formalista literário, uma discursividade da ciência atravessa a posição-gramático e a posição-filólogo, que se encontram na formação de saberes legitimados sobre a língua e sobre a literatura.

Em Mário de Andrade, do lugar discursivo do remetente, encontram-se inscritas posições que também habitam em Sousa da Silveira, mas se movem em outros efeitos. Vejamos as sequências discursivas a seguir:

Essa censura que o Sr. me faz de ter uma língua que não é de ninguém, mas ‘artificial’, é perfeitamente justa sob o ponto-de-vista da **arte como ciência da linguagem**. (ANDRADE apud Fernandes, 1968: 150 [15 de fevereiro de 1935], meu grifo)

Ora a **Língua nacional, a geral, a conceitual**, falada por gregos e troianos ... **do Brasil, italianos, nordestinos e gaúchos**, estava incontestavelmente distanciadíssima da língua literária tanto dum ruim Laudelino Freire como dum bom Afrânio Peixoto. (...) **Essa distância entre a Língua geral brasileira e a literária, é que me propus encurtar**. Sempre tendo em vista que elas não poderiam jamais se confundir. (ANDRADE apud Fernandes, 1968: 152 [15 de fevereiro de 1935], meu grifo)

A partir do que o outro nega como língua pelas posição-gramático e posição-filólogo, em Mário de Andrade, do lugar discursivo do literato, na primeira sequência, uma posição do cientista da literatura reside no dizer a língua como artífice da literatura, um instrumento de que o literato tem o poder de se valer para produzir a 'literariedade', imaginário este que comparece no discurso gramatical em estilística (AGUSTINI, 2004). As ideias de 'língua literária' e de “arte como ciência da linguagem” funcionam na mesma rede parafrástica, atravessada pela discursividade formalista vista anteriormente: para fazer literatura, o autor encontra-se inscrito no lugar de quem sabe a ciência da linguagem, de quem domina a arte pelo saber científico da língua.

Na segunda sequência, é a posição-filólogo que passa a dizer no literato sobre a relação entre língua e literatura. Em Mário de Andrade, “A Língua Nacional” é formada a partir do saber metalinguístico, da língua “conceitual”, portanto, uma língua dita pelo científico, nesta posição: é uma língua “geral” que se inscreve na mesma cadeia de “falada por gregos e troianos ... **do Brasil, italianos, nordestinos e gaúchos**”, traz o dizer do filólogo sobre a língua nacional, constituída de diversos dialetos, no efeito do aceitável, do erro, coabitando na unidade nacional (MEDEIROS & MATTOS, 2012). Por outro lado, é a posição-gramático que produz o efeito de unidade da língua de um país, é a gramática um dos instrumentos de formação da língua nacional (ou do nacional pela língua). É uma língua nacional dita pelo filólogo que comparece em Mário de Andrade como passível

de construir uma 'língua literária', formada a partir de um saber metalinguístico do literato, no qual habitam uma posição do teórico da literatura e uma posição-filólogo, regidas por uma formação discursiva positivista. E, em Mário de Andrade, insiste uma projeção do nacional pela 'língua literária', não pela 'língua da gramática', isto é, um duelo entre o discurso do gramático e o discurso do literato pela língua nacional, que em Sousa da Silveira move o dizer do lugar do gramático: "Não é essa a língua portuguesa, que eu conheço; não é a língua que falo, nem a que ouço falar".

Pela movência dos lugares discursivos de quem lê e de quem escreve na correspondência, o efeito de unidade discursiva, de contensão de outros dizeres de modo a legitimar a unidade, que caracteriza o funcionamento do autor, se torna nuvem, dispersão e possibilidade de leitura das posições discursivas que habitam e, por que não dizer, edificam, um nome de autor. No processo discursivo da correspondência, o efeito de evidência produzido pelo discurso 'sobre' a língua e a literatura em Mário de Andrade, um imaginário de inovação linguística pela literatura, passa a dar a vez a uma análise das posições que, na tensão e no encontro, incidem no dizer do literato sobre a língua e a escrita literária como um saber metalinguístico, atravessado pela formação discursiva positivista.

E por conta da brevidade das páginas, encerro como em carta de Mário para Sousa: "E paro por aqui porque não posso mais." (ANDRADE apud Fernandes, 1968: 167 [26 de abril de 1935])

Referências:

Arquivo

FERNANDES, Lygia (org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1968.

Teóricas

AGUSTINI, C. *A Estilística no Discurso da Gramática*. 1. ed. Campinas - SP: Pontes/Fapesp, 2004.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

AUROUX, Sylvain, PUCCINELLI ORLANDI, Eni, MAZIERE, Francine (éds), L' hyperlangue Brésilienne, *Langages*, 1998 n°130,127 p. [FRA]

CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. *Le langage et ses disciplines*. XIX – XX siècles. Paris / Bruxelas: DUCULOT, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Ed. Passagens, 1992

GRIGOLETTO, E. "Do lugar discursivo à posição sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica". In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; e CAZARIN, E. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*, Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

MARIANI, Bethania. Arquivo e língua nacional. In: Maria Teresa Tedesco; Vanise Gomes de Medeiros. (Org.). *Travessias nos estudos de língua portuguesa: homenagem a Evanildo Bechara e Olmar Guterres*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010, v. 01.

_____. *Colonização linguística*. Línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas, Pontes, 2004.

MEDEIROS, Vanise; MATTOS, Thiago. O dialeto caipira, de Amadeu Amaral: discurso fundador e acontecimento discursivo. In: *Confluência, Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, nº 41-42. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/?p=363> (acesso 10/10/2012)

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais aconselhar. A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2007

_____. Epistolografia e projeto nacionalista em Mário de Andrade. *Revista Gragoatá, Acervos literários*, nº15, Niterói, 2º semestre de 2003, pg 55-68.

ORLANDI, Eni. *Terra à vista: discurso do confronto, velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: UNICAMP, 1990

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico; para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo:

Cortez Editora, 2002.

_____. *História das Ideias linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2001

_____. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2007. [1996]

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009, 8ª Ed. [1999 – 1ªed.]

_____. “Segmentar ou recortar”. In *Linguística: questões e controvérsias, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba*, Série Estudos – 10, 1984, pp. 9-26.

_____. Vão surgindo os sentidos. In: ORLANDI, Eni.(org.). *O discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. [1994 – 1ªed.]

_____. *Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009 [1988– 1ª Ed.]

PETRI, V. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PUECH, C., COLOMBAT, B. et FOURNIER, J.M. (org.). *Histoire des idées sur le langage et les langues*, Paris: Klincksieck, 2010 .

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Exposições do Museu da Língua portuguesa, arquivo e acontecimento e(m) discurso*. São Carlos: Pedro & João editores, 2011

SILVA, Maximiliano de Carvalho e. *Sousa da Silveira o homem e a obra sua contribuição à Crítica textual no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.

SOUZA, P. *Confidências da carne*. Campinas: EDUNICAMP, 1997